

A LITERATURA MARAVILHOSA E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO E DO MASCULINO: ANÁLISE DE UM CONTO DA ESCRITORA CROATA IVANA BRILIĆ-MAŽURANIĆ

WONDERFUL LITERATURE AND REPRESENTATION OF THE FEMININE AND THE MASCULINE: ANALYSIS OF A SHORT STORY BY CROATIAN WRITER IVANA BRILIĆ-MAŽURANIĆ

Christiane Mazur Doiⁱ

 <https://orcid.org/0000-0002-1093-3993>

Maja Kvaternik Fernandes Leiteⁱⁱ

 <https://orcid.org/0009-0002-8086-0192>

Tomislav Correia-Deurⁱⁱⁱ

 <https://orcid.org/0009-0005-9580-0813>

Resumo: Este artigo apresenta uma análise do conto infantil *O pescador Palunko e sua esposa*, presente na obra *Contos de antigamente*, de autoria da escritora croata Ivana Brlić-Mažuranić. Com base em princípios da crítica feminista e da crítica psicanalítica, o artigo destaca a questão da autoria feminina no gênero maravilhoso e propõe uma análise das representações do feminino e do masculino. Essas representações são, também, brevemente comparadas a outros contos maravilhosos de autoria masculina.

Palavras-chave: literatura croata; contos maravilhosos; representações do feminino e do masculino.

Abstract: This article presents an analysis of the children's tale *The Fisherman Palunko and His Wife*, from the collection *Tales of Long Ago*, written by Croatian author Ivana Brlić-Mažuranić. Based on principles of feminist criticism and psychoanalytic criticism, the article highlights the issue of female authorship within the fairy-tale genre and proposes an analysis of representations of the feminine and the masculine. These representations are also briefly compared to other fairy tales authored by men.

Keywords: croatian literature; fairy tales; representations of the feminine and the masculine.

DOI: 10.22478/ufpb.2764-4251.2026.n1.78419

Recebido em: 06/04/2026

Aprovado em: 14/07/2026

ⁱ Doutora em Engenharia Metalúrgica e de Materiais. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, Especialista em Recursos Gramaticais para Revisão Textual. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5521810316955931>. E-mail: chrismazur16@hotmail.com.

ⁱⁱ Graduada em Língua e Literatura Croata. Professora de Língua e Literatura Croata. Tradutora do idioma croata. Diretora Cultural da Associação Croatia Sacra Paulistana. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6744696085344833>. E-mail: croatianobrasil@gmail.com.

ⁱⁱⁱ Mestre em Letras (Letras Clássicas), Licenciado em Letras/Português e Bacharel em Letras Português e Latim, com Mestrado Profissional em Gestão Empresarial. Diretor da Associação Croatia Sacra Paulistana. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2551710365974733>. E-mail: tomislavcd@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Historicamente, observamos o predomínio masculino na autoria de obras literárias, e isso não é diferente nos contos de fada. Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, por exemplo, são nomes bem conhecidos desse gênero literário no Ocidente, e muitas das narrativas orais recolhidas e reformuladas por eles foram a base da produção de filmes infantis até nossa época.

Como contraponto, podemos citar a autora croata Ivana Brlić-Mažuranić (1874-1938), cuja obra literária é reconhecida entre seus conterrâneos. O livro *Contos de antigamente* (*Priče iz davnine*, de 1916) é importante não só pelo fato de ser escrito por uma mulher no início do século XX, mas também pela forma como ela constrói os personagens, sejam eles humanos ou fantásticos.

Nesse sentido, merecem destaque o fato de uma mulher ser um dos nomes canônicos da literatura croata e, também, a observação de que ela não teve o mesmo sucesso mundial que Andersen, com quem é frequentemente comparada. Contudo, Mažuranić tem sido revalorizada no início do século XXI, com novos estudos acadêmicos sobre ela. Sob essa perspectiva, sua obra atua no sentido de visibilizar a voz feminina como produtora de conhecimento.

Assim, o objetivo deste artigo é contribuir com a retomada dos estudos sobre a autora, analisando como o conto *O pescador Palunko e sua esposa*, que compõe o livro citado, trabalha a questão da representação do feminino e do masculino.

2 BIOGRAFIA E CONTEXTO HISTÓRICO

Ivana Brlić-Mažuranić nasceu em Ogulin em 18 de abril de 1874 e morreu em Zagreb em 21 de setembro de 1938.

Na maior parte da vida de Ivana, de 1874 a 1914, uma parte significativa da Croácia fazia parte do Império Austro-Húngaro. Em 1874, Ivan Mažuranić, avô de Ivana, conhecido como o Ban Plebeu (Ban é equivalente a Governador), iniciou reformas cruciais: separou o poder judiciário do executivo, modernizou o sistema educacional, inclusive reformulando a Universidade de Zagreb, além de ser um importante autor do cânone literário croata. O pai de Ivana, Vladimir Mažuranić, foi escritor, lexicógrafo, advogado e historiador, autor de *Prinosi za hrvatski pravno-povjestni rječnik* (*Dicionário croata para história e direito*), obra de referência publicada em 1882.

Ivana recebeu boa parcela da sua educação em casa e, com a família, mudou-se para Karlovac e Jastrebarsko e, finalmente, para Zagreb. Casou-se com o político e advogado Vatroslav Brlić em 1892 e foi para Brod na Savi (atual Slavonski Brod). Viveu lá a maior parte da vida, teve 7 filhos e dedicou grande parte do seu tempo à família e ao trabalho com a educação.

Suas primeiras criações literárias foram escritas em francês. Seus contos, artigos e textos educativos passaram a ser publicados com mais regularidade em revistas após 1903.

Em 1913, publicou *Čudnovate zgode šegrta Hlapića* (*As estranhas aventuras do aprendiz Hlapić*, em português), livro que chamou a atenção do público literário. Na história, o pobre aprendiz Hlapić encontra acidentalmente a filha perdida do seu mestre, e sua sorte começa a melhorar. Em 1916, publicou *Priče iz davnine* (*Contos de antigamente*, em português), uma das suas obras mais populares (que contém o conto que é objeto de estudo deste artigo, *Ribar Palunko i njegova žena*, ou *O pescador Palunko e sua esposa*, em português). Nele, Mažuranić criou uma série de novos contos de fadas, utilizando nomes e motivos da mitologia eslava.

Contos de antigamente foi considerado a melhor e a mais famosa coleção de contos de fada da literatura croata e faz parte do seu cânone, conforme Sanja Grakalić Plenković (2025). Foi publicada em três edições durante a vida da autora, em 1916, 1920 e 1926, pela *Matica hrvatska*, instituição cultural e científica da Croácia, fundada em 1842.

Como dito, Ivana foi comparada a Hans Christian Andersen (frequentemente, ela é chamada de "Andersen da Croácia") e a John Ronald Reuel Tolkien, que também escreveram histórias inspiradas em elementos de mitologias. Mažuranić é um dos expoentes dos gêneros fantástico e maravilhoso, segundo a perspectiva todoroviana, na literatura croata: elevou tais gêneros a um nível de realismo psicológico, em que monstros, fadas, seres marinhos, pássaros e reinos de ouro são espelhos das ambições e dos arrependimentos dos seres humanos.

Foi indicada quatro vezes ao Prêmio Nobel de Literatura (em 1931 e 1935, pelo historiador Gabriel Manojlović e, em 1937 e 1938, por ele e pelo filósofo Albert Bazala, ambos de Zagreb). Em 1937, foi a primeira mulher aceita como membro-correspondente da Academia Iugoslava de Ciências e Artes. Foi condecorada com a Ordem de São Sava.

Em 1938, em virtude da depressão, suicidou-se em Zagreb.

3 A LITERATURA MARAVILHOSA E O IMAGINÁRIO INFANTIL



Como afirma Tzvetan Todorov (2021), no gênero maravilhoso, algo é aceito como parte de uma realidade que apresenta novas leis da natureza, ou seja, em um universo ficcional repleto de eventos incomuns e fatos extraordinários, destacam-se os que acontecem em uma realidade regida por uma natureza muito particular, em que “leis inventadas” possibilitam que, por exemplo, animais falem, xícaras dançam e tapetes voem. Nessa categoria, situam-se os contos de fadas.

A literatura maravilhosa tem grande impacto na formação psíquica das crianças. Como explica Bruno Bettelheim (2005), esses textos interferem no desenvolvimento emocional delas, fazendo-as reconhecer o que foi transmitido nas histórias e a reproduzir o reconhecimento. Os contos influenciam, também, a interação familiar e as relações sociais.

Segundo o autor, para

dominar os problemas psicológicos do crescimento - superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral - a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados - ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes (Bettelheim, 2005, p.8).

Bettelheim, com abordagem psicanalítica, argumenta que os contos de fadas diferem de outras formas de literatura infantil devido à sua capacidade de abordar temas complexos de um modo acessível e compreensível para as crianças. As histórias frequentemente incluem elementos de dualidade, como o bem contra o mal, que são apresentados de maneira clara e resolutiva, e isso oferece um modelo de confronto e de superação de adversidades. Dessa forma, cria-se um espaço simbólico no qual medos e desejos inconscientes podem ser processados de forma segura.

Sabemos, assim, que a lógica dos contos de fadas tradicionais é maniqueísta. Os personagens não são ambivalentes, isto é, não são “bons” e “maus” ao mesmo tempo, como são as pessoas na realidade. Essa lógica só começou a ser revista recentemente, com releituras de contos de fadas, como vemos no filme *Malévola* (2014), por exemplo. As lutas identitárias e feministas, que ganharam força no século XXI, produziram a releitura de várias histórias infantis. No entanto, este trabalho foca em uma obra do início do século XX e pretende verificar temáticas atuais no texto original.

Sob esse viés, devemos também observar que esses contos maravilhosos se fundamentam em dinâmicas arquetípicas. Em *A interpretação dos contos de fada*, Marie-Louise von Franz (2022), com abordagem junguiana, analisa essas histórias como expressões diretas do inconsciente coletivo. A autora explora arquétipos como sombras, anima/animus e o processo de individuação, oferecendo métodos para compreender simbolismos narrativos e mitológicos.

Segundo a perspectiva de Marie-Louise von Franz, a sombra do masculino, que aparece frequentemente nos contos de fada, representa aspectos reprimidos, imaturos ou destrutivos da psique masculina, frequentemente personificados por vilões, monstros, gigantes ou reis tirânicos. Esses arquétipos simbolizam impulsos não integrados, como a agressividade, a insensibilidade, o desejo de poder, a cobiça ou a imaturidade emocional. São desafios que o sujeito precisa enfrentar e assimilar para alcançar a individuação, isto é, “tornar-se si mesmo”.

No conto em questão, são muitos os seres fantásticos que habitam a narrativa. Um deles, que exerce papel central na trama, é Morski Kralj (Rei do Mar). Ele representa o poder absoluto e a tentação das riquezas materiais. No folclore eslavo, o Rei do Mar pode ser visto como uma figura que não é necessariamente má, mas não tem empatia: é indiferente aos sofrimentos humanos. No conto analisado, o Rei do Mar é uma espécie de antagonista, que concede os desejos de Palunko, pescador que protagoniza o conto, mas a um custo existencial imensurável.

Do ponto de vista da análise junguiana, o Rei do Mar é um arquétipo que rege o inconsciente coletivo, a criatividade e a profundidade emocional. Ele domina o reino das emoções, da intuição e dos sonhos. Representa a capacidade de governar as próprias emoções, incluindo os sentimentos mais profundos e sombrios (como o abismo do oceano). As águas, por sua vez, simbolizam o feminino sagrado, a intuição e a sabedoria oculta. Um “rei” nesse domínio conecta a força de ação (masculino) e a profundidade da alma (feminino).

Em *O pescador Palunko e sua esposa*, as Vile (Vila, no singular, que não guarda nenhuma relação de sentido ou etimológica com a palavra “vila” em português) são espíritos femininos da natureza comuns na mitologia eslava, equivalentes às ninfas gregas ou às fadas celtas, mas com uma conexão muito forte com determinado elemento da natureza (montanhas, águas e ventos). São seres que habitam a natureza e interagem com os humanos. Muitas vezes, servem de pontes (intermediárias) entre o mundo real e o mundo mágico. Podem agir como guias ou mensageiras e têm beleza e conhecimentos ocultos que os humanos comuns não detêm.

Há também as Morske Vile, tipos de fadas associadas à água e às profundezas marinhas. No conto, elas representam o mundo encantado que promete riqueza e felicidade, mas acabam afastando o protagonista da sua família e da vida real.

Os Čudovišta são criaturas fantásticas e perigosas, monstros que aparecem durante a jornada da esposa de Palunko. Elas simbolizam os obstáculos do mundo mágico.

4 REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DO MASCULINO NA LITERATURA MARAVILHOSA TRADICIONAL E NO CONTO CROATA EM ANÁLISE

A crítica literária feminista, que ganhou mais visibilidade no final do século XX, dirige, basicamente, o olhar para duas frentes: a questão da autoria feminina e a representação da mulher.

Como dissemos, o nome de Ivana Brlić-Mažuranić quebra a hegemonia dos homens na produção de contos de fada, ainda que possa não ter recebido o mesmo reconhecimento internacional que eles.

Em relação à representação da mulher, nos contos maravilhosos mais divulgados no Ocidente, a figura feminina é retratada comumente como um ser frágil, que deve ser salvo pela força masculina. Em geral, a natureza feminina é abordada de modo a alimentar uma construção simbólica que reafirma condutas normativas (Schmidt, 2017). As princesas devem almejar ao casamento, ao amor, e isso deve ser conquistado de forma passiva. Cabe aos príncipes libertá-las dos castigos, dos feitiços e dos vilões (ou vilãs, em muitos casos). No caso do conto em análise, há uma mudança bastante significativa nessas representações, pois é a mulher que age para salvar o homem, como veremos adiante.

A questão da vilania abre espaço para outra representação da mulher que aparece com frequência em contos bastante conhecidos: como um elemento que leva ao mal. Essa representação surge, por exemplo, no conto dos irmãos Grimm intitulado *O pescador e sua mulher*. Nele, a mulher, com uma ambição descabida, insaciável, faz com que o casal perca o que lhe havia sido concedido pelo peixe que reinava nos mares. O pescador é colocado como um sujeito humilde, que cede às exigências da esposa e faz pedidos ao Rei do Mar, cuja vida o homem salvou, até que a esposa pede para ser Deus, e o peixe, com seus poderes mágicos e, cansado de atender a todos os desejos da mulher, faz com que eles retornem à vida miserável que levavam.

O primeiro ponto que chama a atenção é a semelhança entre os títulos e entre alguns elementos dos dois contos. Como bem explica Mikhail Bakhtin (2016), o dialogismo é constituinte dos discursos. Nesse sentido, a interdiscursividade e a intertextualidade são fundamentais na análise do conto *O pescador Palunko e sua esposa*. Trata-se, certamente, de uma narrativa inspirada em motivos da mitologia eslava e em contos maravilhosos tradicionais, conhecidos também no Ocidente.

Em *O Pescador e sua mulher*, Palunko é um pescador muito pobre que pede à Dama da Aurora algum tipo de solução mágica para escapar da sua miséria. A entidade mágica manda-o para casa, dizendo que lá ele encontrará aquilo de que precisa. Ao chegar em casa, encontra uma mulher pobre, vinda das montanhas e órfã. Ela implora, eles se casam e têm um filho, Vlatko. No entanto, a família continua pobre, e Palunko confronta a esposa, pois pensava que ela era uma Vila capaz de torná-lo rico. Com o desentendimento, ele manda-a seguir para uma praia, enquanto Palunko segue para outra, em sentido oposto. Após dormir, ela percebe que o filho havia desaparecido. Palunko, por sua vez, volta a encontrar a Dama da Aurora e pede para encontrar o poderoso Rei do Mar. Palunko diverte-se na corte, come, ganha presentes, entretém o rei com saltos e malabarismos. Em dado momento, conhece um jovem príncipe que é, na verdade, seu filho Vlatko. Palunko pensa em fugir com o menino, mas este não o reconhece. Enquanto isso, a esposa, amargurada sem o filho e sem Palunko, fica muda e passa por vários desafios para tentar encontrar o caminho da corte do “Rei do Mar” e resgatar Palunko e Vlatko. Ela encontra-os e, com a ajuda da Dama da Aurora, eles voltam para casa.

Observamos que, no conto croata, o pescador tem um nome, o que particulariza o personagem. No texto dos Grimm, a falta de nomes faz parecer que a referência é a todos os homens e a todas as mulheres simples, o que induz a uma leitura generalizante. Além disso, devemos reparar que a escolha do nome Palunko pode ter algumas explicações. Trata-se de um nome próprio que não é comum na Croácia, mas que apresenta sonoridade marcante, o que pode ser atraente, especialmente para as crianças. Na língua croata, Palunko tem sonoridade redonda e quase caricatural, o que combina com o caráter do personagem: impulsivo, ambicioso e um pouco ingênuo. Alguns linguistas sugerem que o nome lembra palavras dialetais ligadas ao mar ou a pessoas simples da costa, embora não exista um significado lexical direto e claro no croata padrão.

A história começa com Palunko, um pescador pobre e insatisfeito com sua vida simples, refletindo sobre seu cotidiano.

O pescador Palunko estava farto e cansado de sua vida miserável. Ele vivia sozinho no desolado beira-mar e todos os dias pescava com um anzol de osso, porque naquelas paragens, naquele tempo, não conheciam redes. E quanto peixe se pode pescar com um anzol, afinal?

(...)

Assim, Palunko sentou-se por três dias e noites em seu barco na face do mar — três dias ele ficou ali, três dias ele jejuou, por três dias ele não pescou nenhum peixe.

Quando o terceiro dia começou a amanhecer, eis que um barco de prata surgiu do mar — um barco de prata com remos de ouro — e no barco, bela como a filha de um rei, estava a pálida Dama da Alvorada (Mažuranić, 1922, p. 57, tradução nossa).

A Dama da Alvorada, que cumpre a função de doador, de acordo com a morfologia proposta por Vladimir Propp (1971), diz para Palunko voltar para casa, pois assim ele encontraria o que precisava.

Palunko apressou-se de volta para a margem e depois para casa. Quando chegou à casa, uma pobre órfã saiu ao seu encontro, toda exausta da longa caminhada pelas colinas.

A moça disse: “Minha mãe morreu e estou sozinha no mundo. Aceite-me como sua esposa, Palunko”.

Palunko mal sabia o que fazer. “Será esta a boa fortuna que a Dama da Alvorada me enviou?”

Palunko via que a moça era apenas uma pobre criatura como ele; por outro lado, tinha medo de cometer um erro e afastar sua sorte. Então, ele consentiu e aceitou a pobre moça como esposa; e ela, estando muito cansada, deitou-se e dormiu até a manhã seguinte.

Palunko mal podia esperar pelo dia seguinte, imaginando como sua boa sorte se manifestaria. Mas nada aconteceu naquele dia, exceto que Palunko pegou seu anzol e saiu para pescar, e a Mulher subiu a colina para colher espinafre selvagem.

Palunko voltou para casa à noite, assim como a Mulher, e cearam peixe com espinafre selvagem. “Se essa é toda a sorte que há nisso, eu poderia muito bem ter passado sem”, pensou Palunko.

Com o passar da noite, a Mulher sentou-se ao lado de Palunko para lhe contar histórias, para passar o tempo com ele. Ela lhe contou sobre nababos e castelos de reis, sobre dragões que vigiam tesouros acumulados e filhas de reis que semeiam seus jardins com pérolas e colhem gemas.

Palunko ouviu, e seu coração começou a cantar de alegria. Palunko esqueceu que era pobre; ele poderia ter ficado sentado ouvindo-a por três anos seguidos. Mas Palunko ficou ainda mais satisfeito quando considerou: “Ela é uma esposa-fada. Ela pode me mostrar o caminho para os tesouros dos dragões ou os jardins dos reis. Só preciso ser paciente e não a deixar zangada.” (Mažuranić, 1922, pp.58-59, tradução nossa).

Palunko e a mulher, que não tem nome próprio e é denominada Mulher, têm um filhinho, Vlatko. Mesmo tendo a companhia e a dedicação (senão devoção) da esposa, o pescador pensa incessantemente em encontrar riquezas e acredita que a Mulher sabe onde elas estão.

Justo quando sua esposa lhe contava sobre os imensos tesouros do Rei do Mar, Palunko saltou furioso, sacudiu-a pelo braço e gritou: “Digo-lhe que não esperarei mais. Amanhã de manhã você me levará ao Castelo do Rei do Mar!”

A Mulher ficou muito assustada quando Palunko saltou daquele jeito. Ela lhe disse que não sabia onde o Rei do Mar tinha seu Castelo; mas Palunko começou a bater em sua pobre esposa impiedosamente e ameaçou matá-la a menos que ela lhe contasse seu segredo de fada.

A moça percebe que Palunko tinha pensado que ela era uma fada e diz que é “uma pobre órfã que não conhece feitiços nem magia”. Palunko fica furioso e ordena “que a Mulher fosse embora na manhã seguinte antes do amanhecer com a criança, pela beira-mar para o lado direito, e ele, Palunko, iria para a esquerda”. A esposa, com seu bebê, caminha por 15 dias, mas não encontra o caminho para o Rei do Mar. Cansada, adormece sobre uma pedra à beira-mar.

Quando acordou, seu bebê havia sumido — seu pequeno Vlatko. Sua dor foi tão grande que as lágrimas congelaram em seu coração, e nem uma palavra ela conseguia dizer de tristeza, tornando-se muda a partir daquela hora (Mažuranić, 1922, p. 61, tradução nossa).

Neste ponto, observamos que a perda da voz é bastante significativa. Sem a voz, a Mulher não pode expressar a dor insuportável pela perda do filho. Psiquicamente, podemos ver, nesse trecho, a conversão de um trauma intenso em um sintoma físico, isto é, a incapacidade de verbalizar a dor pode atuar um mecanismo de defesa do inconsciente. A personagem sofre uma espécie de paralisia emocional.

Sem a voz, a Mulher não pode mais contar suas histórias encantadas, sua maior qualidade, que encantava o marido no início do casamento, quando ele pensava que ela era uma fada que o levaria a um tesouro. Não suportando o silêncio em sua casa, e movido pela ambição, Palunko decide partir para o mar em busca de fortuna, abandonando sua esposa, que permanece sem ânimo. É interessante ressaltarmos que, quando começa a (fracassada) jornada do herói, há o silenciamento da voz feminina humana. Isso nos remete à condição da mulher nas sociedades patriarcais. E, durante toda a aventura do marido, ela deixa de aparecer na narrativa dele, vivendo sua própria aventura, dominando uma língua não verbal que permite que ela fale com as antepassadas e com as forças da natureza.

Na sua jornada, o pescador acaba sendo enganado por seres mágicos do mar (fadas e espíritos marinhos). As Vile, espíritos femininos da mitologia eslava, como já dissemos, que podem agir como guias ou mensageiras. No conto, elas vivem no mar ou em regiões mágicas,

são bonitas, têm poderes sobrenaturais e podem ajudar ou enganar os personagens. Esses seres atraem Palunko para o mundo encantado e pretendem mantê-lo afastado da realidade: elas representam a tentação que leva o pescador a abandonar sua vida simples.

Elas seduzem o pescador com promessas de riqueza e o mantêm preso em um mundo encantado, na Ilha Abundante. No meio da ilha, há uma pedra preciosa, a pedra branca flamejante Ouro em Fogo. Nessa ilha, há o palácio do Rei do Mar.

Um redemoinho formou-se no mar — um redemoinho feroz, um turbilhão terrível. O redemoinho pegou Palunko; varreu-o como um graveto e sugou-o para a fortaleza do Rei do Mar.

Com a música rápida e aguda das flautas, o tilintar dos sinos e o brilho e cintilação ao seu redor, Palunko não teria acreditado que pudesse haver tanto prazer ou riqueza no mundo! Palunko enlouqueceu de pura alegria — a alegria subiu à sua cabeça como vinho forte; seu coração cantou; ele bateu palmas; ele saltitou pela areia dourada como uma criança travessa; ele deu cambalhotas uma, duas e outra vez — tal qual um menino alegre.

Ora, isso divertiu imensamente o Rei do Mar (Mažuranić, 1922, p. 68, tradução nossa).

Na ilha, o tempo passa de forma diferente, e o pescador perde contato com sua família.

Palunko tomou impulso sobre a areia dourada, deu uma bela cambalhota, depois uma segunda e uma terceira, leve como um esquilo. O Rei do Mar e todo o povo miúdo balançavam de rir com tal astúcia.

Mas quem riu com mais vontade de todos foi um bebezinho, e esse era o pequeno Rei que as próprias sereias haviam coroado Rei por diversão e para passar o tempo ocioso. O bebezinho estava sentado em um berço de ouro. Sua camisinha era de seda, o berço estava decorado com sininhos de pérola e, nas mãos, a criança segurava uma maçã de ouro.

Enquanto Palunko dava cambalhotas e o pequeno Rei ria com tanta vontade, Palunko olhou para ele. Ele olhou para o pequeno Rei e, então, Palunko estremeceu. Era o seu próprio filhinho, o pequeno Vlatko. (Mažuranić, 1922, p. 70, tradução nossa).

Cansada de esperar o marido, a Mulher vai ao túmulo de sua mãe e, por meio de uma corça, que também exerce a função propiária de doador, obtém as orientações de como agir para procurar Palunko. Ela cede à mulher duas flautas, que seriam essenciais para vencer os obstáculos do seu caminho. Começa, assim, a jornada da heroína, definida por Maureen Murdock (2022) como a busca pelo equilíbrio entre o mundo interno e o mundo externo, muitas vezes como a cura de problemas familiares.

O fato de a Mulher não ter nome próprio merece mais destaque, pois, sem o nome, ela perde parte importante da sua identidade. Ela é a única personagem sem uma identificação

própria, ganhando estatuto de personagem coletiva e representando as mulheres em geral. Em um nível mais profundo, pode representar todas as mulheres que exercem a um só tempo o papel de submissão e o papel de cuidado ao marido. Por toda a narrativa, ela é adjetivada como “pobre”, não apenas no sentido material (como indicam sua origem de órfã e de moradora das montanhas, região materialmente pobre da Croácia no tempo da autora), mas no sentido de “sofrida”, o que enfatiza os infortúnios e as agressões a que ela foi submetida em sua jornada.

Lembremos que, no início, a personagem implora para que Palunko a aceite, na sequência, é agredida física e psicologicamente e, mesmo assim, é devota à recuperação do que ela desejava, isto é, sua família e, inconscientemente, à integração com o self familiar e com o seu “animus”. Isso - sua coragem e sua abnegação - fica evidente no trecho em que, na sua trajetória de resgate, a Serpente Mãe lhe oferece ouro e pérolas, mas ela recusa porque “uma esposa verdadeira não deve se seduzir por ouro ou pérolas”. Na sequência, o “Pássaro” lhe propõe a voz recuperada se ela voltasse daquele ponto. Ela não aceita e continua sua jornada. E, por fim, a última tentação: por meio de uma criatura mágica, vê seu filho, e lhe é oferecida a chance de juntar-se a ele em troca de desistir da sua jornada.

Palunko, por sua vez, é um sujeito ambicioso, que não parece ter sentimento em relação à mulher e ao próprio filho. Quando ele encontra Vlatko no Reino Submerso, seu primeiro sentimento é de raiva pelo bebê, pois o filho estaria desfrutando de todas aquelas riquezas enquanto ele continuava um mero pescador. Na sequência, ele descobre que ser um convidado do Rei do Mar significava ser um servo silencioso e sem vontade própria, cuja função é apenas entreter a corte. A riqueza que ele tanto desejava acaba se tornando uma prisão, uma vida em solidão. Então, ele passa a desejar a vida que tinha.

Graças à sua inteligência e à sua resiliência, a Mulher consegue “pescar” o marido com um anzol de osso (instrumento que inicialmente pertence a Palunko), recuperar o filho, que logo a reconhece como mãe, e a voz, rompendo o encanto do mundo mágico. O papel materno ganha importância nesse final, pois o bebê vê no colo da Mulher um lugar de acolhimento; lembremos que, antes, no Reino Submerso, a criança não se lembrava de Palunko como seu pai e o tratara como um servo engraçado.

Nesse conto, portanto, a mulher não é a figura passiva, tampouco é a causa dos males. Vem dela a força para salvar o homem e a família, mesmo com todos os sofrimentos que viveu, superando as ilusões materiais e encontrando o que para ela parece ser uma verdade essencial.

Depois de muitas provações e de muitos obstáculos, a família volta ao casebre no final, mas o lugar é outro, pois as percepções dos personagens são outras após a jornada dos ritos de

desenvolvimento psíquico. Trata-se da morte e do renascimento simbólicos. Eles retomam a rotina e esquecem as aventuras no mundo mágico: a única “prova” que restou da experiência são duas flautas. Nesse contexto, é interessante lembrar da cena, no início do texto, em que a Dama da Alvorada diz a Palunko para voltar à terra, pois ele encontraria tudo o que precisava. A verdadeira riqueza estava na felicidade do convívio familiar, mas Palunko era incapaz de perceber isso, lançando a si mesmo e a Mulher em uma dupla jornada que termina por fazer os dois evoluírem: uma flauta toca para Palunko, a outra para a Mulher, duas melodias distintas que, no final, se harmonizam, como indica o fim do conto.

As jornadas de Palunko e da Mulher representam uma busca simbólica do desenvolvimento psíquico humano e, diferentemente de outros contos, como o dos Irmãos Grimm citado anteriormente, não há uma punição para aqueles que agem de modo imoral; ocorre, sim, a transcendência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de sua relevância no cânone literário croata, a obra de Ivana Brlić-Mažuranić ainda não é muito conhecida fora da Europa Central e da Europa Oriental. No entanto, *Priče iz davnine* foi traduzido para diversas línguas e é considerado um dos clássicos da literatura infantil croata. A autora ocupa posição comparável à de Hans Christian Andersen na tradição escandinava, sendo frequentemente chamada de “Andersen croata”. Nas últimas décadas, sua obra tem despertado interesse crescente nos estudos de literatura comparada e de mitologia eslava.

Diferentemente de muitos autores de contos de fadas do século XIX que recolheram e adaptaram narrativas da tradição oral, Ivana Brlić-Mažuranić construiu um universo literário próprio, inspirado em elementos da mitologia eslava e em figuras simbólicas do folclore do sudeste europeu. Em *Priče iz davnine*, esses elementos não aparecem apenas como ornamentação narrativa, mas como estruturas simbólicas que organizam o percurso psicológico dos personagens.

No conto analisado, observamos que há uma subversão dos papéis masculino e feminino se os compararmos aos de outros contos escritos por homens reconhecidos no Ocidente, que atribuem passividade e fragilidade às mulheres. No caso do texto de Ivana Brlić-Mažuranić, a Mulher é quem salva o marido e reestabelece a integração da família.

No entanto, devemos observar que, ao mesmo tempo em que valoriza a figura feminina na ação, o conto reafirma a condição da mulher como cuidadora da família e como alguém que coloca os desejos e as necessidades do marido acima dos seus, mesmo sofrendo agressões físicas e psicológicas. A sua persistência e a sua coragem, de fato, cobrem a resignação e a submissão, mas elas não deixam de existir.

Dessa forma, a narrativa evidencia como os contos maravilhosos podem servir não apenas como expressão do imaginário coletivo, mas também como espaço de reelaboração simbólica das relações entre masculino e feminino, individual e socialmente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BETTELHEIM, B. *Psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

BROZOVIĆ, D. Žanrovski obrasci fantastične književnosti u Pričama iz davnine Ivane Brlić-Mažuranić, In: KOS-LAJTMAN, A.; LOVRIĆ KRALJ, S.; KUJUNDŽIĆ, N. (Eds.), *Stoljeće Priča iz davnine*, HUDK, Zagreb, 35-46, 2018.

CHEVALIER, J; GHEERBRANDT, A. *Rječnik simbola, Naklada Jesenski i Turk*, Zagreb, 2007.

HOLLANDA, H. B. de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

JELČIĆ, D. *Povijest Hrvatske Književnosti*. Zagreb: Naklada Pavičić, 1997.

Mažuranić, I. B. *Contos de Antigamente*. Tradução de Katia de Queirós Mattoso. São Paulo: Editora SESI-SP, 2018.

MAŽURANIĆ, I. B. *Priče iz davnine*. Zagreb: Matica hrvatska, 1916.

MAŽURANIĆ, I. B. *Croatian tales of long ago*. Tradução de Fanny S. Copeland. Ilustrações de Vladimir Kirin. New York: Frederick A. Stokes, 1922.

MURDOCK, M. *A jornada da heroína*. São Paulo: Sextante, 2022.

PLENKOVIĆ, S. G. *Fantastic Elements in the Construction of Characters in Fairy Tales of Ivana Brlić-Mažuranić*. DHS, [s. l.], v. 2, n. 28, p. 257-272, 2025.

PROPP, V. *Morphology of the Folktale: Second Edition (Revised)*. Texas: University of Texas Press, 1971.



SCHMIDT, R. T. *Descentramentos/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

ŠICEL, M. *Hrvatska Književnosti 19. i 20. stoljeća*. Zagreb: Skolska Knjiga, 1997.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

VON FRANZ, M. *A interpretação dos contos de fada*. São Paulo: Paulus, 2022.

